

Taoísmo e Confucionismo: duas faces do caráter chinês

Taoism and Confucionism: two faces of the Chinese character

Ana Lúcia Meyer Cordeiro*

[analuciacordeiro@uol.com.br]

Resumo

Este artigo tem por objetivo investigar os princípios básicos do taoísmo e do confucionismo, enfocando, sobretudo, o significado do conceito *Tao* nas duas tradições religiosas. O taoísmo constitui uma doutrina mística e filosófica que exerceu grande influência na China ao longo da sua história. O confucionismo constitui um conjunto de pensamentos, regras e rituais sociais praticados pelas elites chinesas até a queda do regime imperial, em 1911. Taoísmo e confucionismo representam duas faces inatas do caráter chinês, o primeiro correspondendo à face romântica e o segundo, à face clássica.

Palavras-chave: Taoísmo; Confucionismo; *Tao*.

Abstract

This article aims to investigate the basic principle of the Taoism and Confucianism, focusing, above all, the meaning of the concept *Tao* in two religious traditions. The Taoism is a mystical and philosophical doctrine that exerted big influence in China along its history. The Confucianism is a joint of the thoughts, rules and social rituals practiced by Chinese elites until the fall of the imperial regime, in 1911. Taoism and Confucianism represent two innate faces of the Chinese character, the first corresponding to romantic face and the second, to classic face.

Key words: Taoism; Confucianism; *Tao*.

Introdução

Após a Segunda Guerra Mundial, a religião passou a exercer um papel cada vez menor na história da China, sobretudo depois de 1949, quando Mao Tse-Tung e o Partido Comunista assumiram o poder. Ao discursar na praça da Paz Celestial em 1º de outubro daquele ano, o líder comunista implantava, na então criada República Popular da China, um regime caracterizado pelo anticolonialismo, pela centralização do poder e

* Graduada em História, mestre e doutora em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

pela repressão à liberdade de expressão religiosa. Durante sua gestão, templos foram destruídos e propriedades religiosas comunitárias foram confiscadas. Desde tempos remotos, contudo, a vida religiosa chinesa foi marcada pela pluralidade, na qual coexistiam três importantes religiões: o budismo, o taoísmo e o confucionismo.

O budismo inseriu-se na China a partir da Índia. Já o taoísmo e o confucionismo surgiram dentro do próprio território chinês. O taoísmo constitui uma doutrina mística e filosófica que exerceu grande influência na China ao longo da sua história. O confucionismo, por sua vez, constitui um conjunto de pensamentos, regras e rituais sociais praticados pelas elites chinesas até a queda do regime imperial, em 1911. Taoísmo e confucionismo, representam, por assim dizer, duas faces inatas do caráter chinês, o primeiro correspondendo à face romântica e o segundo, à face clássica. O objetivo deste artigo é investigar os princípios básicos do taoísmo e do confucionismo, enfocando, sobretudo, o significado do conceito *Tao* nas respectivas tradições religiosas.

1. A face romântica: o taoísmo

Segundo a tradição, o taoísmo originou-se com um homem conhecido como Lao Tse, supostamente nascido em 604 antes da era cristã. Lao Tse, porém, é uma figura nebulosa e as histórias sobre sua vida são muitas e variadas. Os historiadores sequer têm certeza se ele de fato existiu. Também não se sabe ao certo o seu verdadeiro nome, pois Lao Tse – que se traduz como “o velho amigo” ou “o velho mestre” – constitui um título de respeito e afeição.

O taoísmo baseia-se num pequeno livro com cerca de 5.000 caracteres, dividido em 81 capítulos, intitulado *Tao Te Ching*, ou *O Livro do Tao e do Te*, cuja autoria é atribuída a Lao Tse. No *Tao Te Ching*, tudo gira em torno do *Tao*, termo que literalmente significa “caminho”. De acordo com Huston Smith (1991, p. 194), no taoísmo esse “caminho” pode ser entendido em três sentidos diferentes, mas complementares.

Primeiro, o *Tao* é o “caminho da realidade última”, isto é, a verdadeira base da qual todas as coisas jorram, o qual não pode ser apreendido pelo intelecto. Conforme anuncia o *Tao Te Ching* na sua linha de abertura, as palavras não estão à altura dele: “O caminho que pode ser expresso não é o Caminho constante” (Lao Tse, 1998, p. 19).

Esse *Tao* inefável e transcendente está acima de todas as coisas, por trás de todas as coisas, debaixo de todas as coisas. Ele é o “útero” do qual brota toda a vida e para o qual toda a vida retorna.

Conquanto seja, em última análise, transcendente, o *Tao* também é imanente. Nesse segundo sentido, ele é o “caminho do universo”, a norma, o poder propulsor de toda a natureza, o princípio ordenador de toda a vida. Basicamente espírito em vez de matéria, ele não se exaure; quanto mais utilizado mais ele flui, pois é a “fonte inesgotável”, o “espírito do universo”. No seu terceiro sentido, o *Tao* refere-se ao “caminho da vida humana”, quando ela se harmoniza com o *Tao* do universo ao qual acabo de me referir.

O *Tao Te Ching* também tem sido traduzido como “O Caminho e seu Poder”. Enquanto o termo *Tao* significa “caminho”, a palavra *Te* significa “poder” ou “força vital”, e também pode ser compreendida em três sentidos distintos. Correspondendo às três maneiras de abordar o *Te*, surgiram na China três formas de taoísmo: o taoísmo filosófico, os chamados “taoísmos vitalizadores” (Smith, 1991), e o taoísmo religioso ou popular.

O taoísmo filosófico, cujo objetivo era alinhar a vida cotidiana do indivíduo ao *Tao*, está associado aos nomes de Lao Tse e Chuang Tzu. As recomendações desses dois grandes mestres giram em torno do conceito *wu wei*, expressão que literalmente quer dizer “não-ação”¹, mas que no taoísmo significa “pura eficácia”, uma vez que o caráter verdadeiro do *wu wei* não é a inatividade, mas sim a ação perfeita.

A ação na sabedoria *wu wei* é a ação na qual toda fricção – seja nos relacionamentos interpessoais, nos conflitos intrapsíquicos ou em relação à natureza – é reduzida ao mínimo. Longe de ser inatividade, *wu wei* é a ação suprema, uma espécie de pura eficácia na qual não se desperdiçam movimentos em discussões ou exibições externas. É a ação sem intenção, espontânea, que parece ser isenta de esforços, pois executada corretamente e em perfeita harmonia com o *Tao*. Em poucas palavras, *wu wei* é a vida vivida acima da tensão e sem desequilíbrios.

Diferente do taoísmo filosófico, que buscava conservar o *Te* por meio de um dispêndio eficaz, os taoísmos vitalizadores trabalhavam para aumentar o estoque disponível de *Te*. Seu ponto de entrada é a palavra *ch'i*, que embora literalmente

¹ De acordo com o *Tao Te Ching*, “o Homem Sagrado realiza a obra pela não-ação e pratica o ensinamento através da não-palavra” (Lao Tse, 1998, p. 21).

signifique “respiração”, neste caso quer dizer “energia vital”. Os taoístas da vitalidade usavam a palavra *ch'i* para indicar o poder do *Tao* que sentiam correndo (ou não correndo) através deles. Sua principal meta era a maximização do *ch'i*. Para alcançar esse objetivo, três elementos eram utilizados: a matéria, o movimento corporal e a própria mente.²

Ao lado do taoísmo filosófico e dos taoísmos vitalizadores, desenvolveu-se na China uma religião popular inspirada em Lao Tse, mas que, conforme observa Jostein Gaarder (2005, p. 90), também tinha seus próprios deuses, templos, sacerdotes e monges. No taoísmo religioso ou popular havia rituais complexos que, se realizados com exatidão, produziam efeitos mágicos. Tais rituais envolviam procissões, oferendas de alimentos aos deuses e cerimônias em honra dos vivos e também dos mortos.

Não obstante as diferenças, é importante ressaltar que não há paredes sólidas separando os três ramos do taoísmo. Ao longo da história, eles sempre interagiram. O melhor, então, seria enxergá-los como “correntezas de um mesmo rio”. Como observa Smith (1991, p. 202), apesar das especificidades, as três formas de taoísmo preocupam-se com a maximização do *Te* que anima o *Tao*, e os aspectos específicos dessa preocupação seguem em um *continuum*. Esse *continuum* inicia com o interesse em como utilizar a cota normal de *ch'i* na vida para alcançar o melhor resultado (taoísmo filosófico); daí passa a perguntar se a cota normal *ch'i* pode ser aumentada (taoísmos vitalizadores); e, finalmente, irá perguntar se as energias cósmicas podem ser concentradas para uso delegatório visando ao bem-estar dos que necessitam de ajuda (taoísmo religioso ou popular) (Smith, 1991, p. 202).

Além do *Tao*, há outros conceitos e valores de grande importância na compreensão taoísta. Em primeiro lugar, os taoístas rejeitam todas as formas de autoafirmação e competição. Outro aspecto importante é a abordagem ecológica presente no taoísmo. Tal abordagem busca sintonizar-se com a natureza ao invés de tentar dominá-la, como normalmente fazem os ocidentais. Para o taoísmo, a natureza deve ser transformada em nossa amiga, e não em algo que precisa ser controlado e conquistado.

² Os taoístas vitalizadores esforçavam-se por promover o aumento da energia vital por meio da matéria em sua forma sólida (ingestão de certos alimentos), líquida (retenção do sêmen nas relações sexuais) e gasosa (exercícios de respiração). Esse esforço era complementado por programas de movimento corporal, como o *tai chi chuan*, e por exercícios de meditação.

Esse naturalismo taoísta também se confunde com uma tendência para a naturalidade; assim, extravagâncias e pompas são vistas como tolices.

Um elemento fundamental no taoísmo é a noção da relatividade de todos os valores e, como idéia correlata, a identidade dos opostos. Nesse aspecto, o taoísmo está ligado ao símbolo chinês do *yin/yang*, que representa a polaridade a partir da qual surgiu o universo. Essa polaridade resume todas as oposições básicas da vida: bem/mal, claro/escuro, masculino/feminino e assim por diante. Conquanto essas polaridades estejam em tensão, elas não são francamente opostas, mas complementares e interdependentes. Ambas se resolvem no círculo que as cerca, a saber, o *Tao* em sua totalidade eterna.

2 A face clássica: o confucionismo

Assim como Lao Tse, a figura histórica Kung Fu Tzu, ou, na forma latina, Confúcio, também é cercada por muitas lendas. Sabe-se, no entanto, que ele foi um reformador, e embora não tenha sido o autor da cultura chinesa, pode-se dizer que ele foi o seu “supremo editor”. Nascido por volta de 550 antes da era cristã, o Mestre Kung influenciou todo o percurso histórico da Ásia Oriental, particularmente da China até 1949, quando Mao Tse-Tung e os comunistas tomaram o poder.

Conquanto o confucionismo tenha sido uma espécie de religião estatal praticada pela elite chinesa, chegando muitas vezes a atacar outras religiões, como o budismo e o taoísmo, essa tradição religiosa nunca se constituiu numa religião independente. Isto porque, conforme enfatiza Gaarder (2005, p. 86), o termo confucionismo abrange uma série de idéias filosóficas e políticas que formavam os pilares do governo e da burocracia da China imperial, muito embora a ética confucionista também permeasse amplas camadas da população chinesa. A ênfase principal da doutrina de Confúcio está justamente na importância ética dos relacionamentos humanos. Seu interesse pelas questões sociológicas reais, como o papel do indivíduo na sociedade e as regras corretas de conduta, era maior do que seu interesse por questões religiosas e metafísicas.

Uma das idéias fundamentais do Mestre Kung é que a natureza e o universo estão em harmonia, e isso deve ser aplicado também aos seres humanos. O conceito *Tao* também está presente no confucionismo, porém de forma diferente do taoísmo. No

confucionismo, *Tao* é a harmonia predominante no universo, isto é, o relacionamento bom e equilibrado entre todas as coisas. Essa harmonia constitui o modelo para toda a sociedade. O indivíduo necessita, portanto, viver em harmonia e isso pode ser alcançado se o seu interior estiver em consonância com o *Tao*. Para alcançar a harmonia com o *Tao*, as pessoas precisam de conhecimento e compreensão, o que pode ser obtido através do estudo do passado, da tradição. Na concepção confucionista, é a tradição que ensina ao indivíduo as regras de comportamento correto e qual é o seu lugar na sociedade.

Para Confúcio, o lugar do indivíduo na sociedade é regulado por cinco relações: entre o senhor e o servo, entre o pai e o filho, entre o esposo e a esposa, entre o irmão mais velho e o irmão mais novo, entre o amigo mais velho e o amigo mais novo. É vital para a saúde da sociedade que essas relações sejam corretamente formadas. Conceitos como piedade filial, respeito e reverência são importantíssimos na concepção do Mestre Kung. Embora não estivesse tão interessado em assuntos religiosos ou metafísicos, Confúcio acreditava que os deuses deviam ser cultuados adequadamente, que os rituais e sacrifícios deviam ser realizados corretamente, pois isso demonstrava a piedade filial do indivíduo.

No esquema confucionista, o ser humano bom é aquele que está sempre tentando se tornar melhor. Esse projeto, no entanto, não é experimentado no vácuo. Ao contrário:

Um confucionista inclinado ao cultivo de si mesmo se posiciona no centro exato de um emaranhado de relações humanas (teias que se cruzam e entrecruzam, se transformam e nunca terminam), e não deseja que as coisas sejam de outra maneira; a santidade no isolamento não faz sentido para Confúcio. A questão não é apenas que as relações humanas sejam gratificantes; a idéia confucionista vai bem mais fundo. O fato é que, fora das relações humanas, não existe o eu. O eu é um centro de relacionamentos. Ele se constrói por meio de suas interações com os outros e é definido pelo somatório de seus papéis sociais (Smith, 1991, p. 178).

As principais linhas do pensamento confucionista podem ser agregadas sob cinco termos-chave: *jen*, *chun tzu*, *li*, *te* e *wen*. O termo *jen* designa o relacionamento ideal que deve existir entre as pessoas, o que é, na visão de Confúcio, a virtude das virtudes. Essa virtude envolve a compreensão de amor ao próximo, integridade pessoal e altruísmo. *Chun tzu* pode ser traduzido como “Homem Superior” ou “Pessoa Amadurecida”. *Chun tzu* é exatamente o oposto da pessoa de mente estreita e espírito

pequeno. *Li* tem dois significados: a maneira apropriada de fazer as coisas ou o senso de propriedade (algo como o *savoir faire* dos franceses); o outro significado do termo é “ritual”. *Te* designa poder, o poder por meio do qual as pessoas são governadas. Para Confúcio, os três aspectos da governança são a auto-suficiência econômica, a auto-suficiência militar e a confiança do povo. O último termo, *Wen*, refere-se às “artes da paz”, a saber, a música, a poesia, enfim, a soma da cultura na sua forma estética e espiritual.

Considerações finais

Assim como o Mestre Kung, Lao Tse também concebia o *Tao* como a harmonia do mundo, especialmente do mundo natural. Todavia, para Lao Tse, o *Tao* é algo quase divino, a fonte a partir da qual todas as coisas foram criadas, ainda que não seja um deus pessoal. Lao Tse acreditava ser impossível descrever o *Tao* de forma racional ou apreendê-lo por meio do intelecto. Na sua concepção, o indivíduo deveria meditar em profunda tranquilidade, esquecendo todos os seus pensamentos acerca de coisas externas; só então ele poderia ser preenchido pelo *Te*, a força vital, de forma alcançar a união com o *Tao*.

Confúcio desejava educar o ser humano por meio do conhecimento. Lao Tse preferia que as pessoas permanecessem simples e ingênuas, como as crianças, pois, segundo ele, “o excesso de conhecimento conduz ao esgotamento” (Lao Tse, 1998, p. 27).

O Homem Sagrado governa, esvazia seu coração, enche seu ventre, enfraquece suas vontades, robustece seus ossos. Mantém permanentemente o povo sem conhecimentos e desejos. Faz com que os de conhecimento não se encorajem e não ajam. Sendo assim, nada fica sem governo (Lao Tse, 1998, p. 23).

Confúcio ansiava por regras e sistemas fixos na política. Lao Tse, porém, acreditava que o ser humano deveria interferir o mínimo possível no desenrolar natural dos fatos. Enquanto Confúcio desejava uma administração bem-ordenada, Lao Tse acreditava que toda forma de administração é má.

Talvez tenha sido a preferência pela simplicidade e naturalidade o que mais separou o taoísmo do confucionismo. Ainda que os objetivos básicos das duas escolas não apresentassem profundas diferenças, os taoístas tinham, por assim dizer, pouca

paciência com a abordagem confucionista, a qual era considerada artificial, inflexível e repressiva. Nas referências taoístas sobre o confucionismo, este sempre aparece como uma doutrina decadente e inferior.

A literatura taoísta está repleta de diálogos com confucionistas, apontando-os como formalistas e pomposos. Um bom exemplo, citado por Smith (1991, p. 212), é a história do taoísta Chuang Tzu que, certa tarde, ao passear com um confucionista deparou-se com um rio e disse: “Vê como os peixes se atiram de um lado para o outro à vontade. Esse é o prazer desfrutado pelos peixes”. Imediatamente o confucionista respondeu: “Tu não és um peixe. Como sabes o que dá prazer aos peixes?”. E Chuang Tzu disse: “Tu não és eu. Como sabes se eu não sei o que dá prazer aos peixes?”.

Como *yin* e *yang*, taoísmo e confucionismo representam dois pólos inatos do caráter chinês. Lao Tse representa o pólo romântico, caracterizado pela espontaneidade e pela naturalidade. Confúcio representa o pólo clássico, o qual enfatiza a responsabilidade social. O foco de Confúcio está no humano e o de Lao Tse, naquilo que transcende o humano. Enquanto Confúcio caminha dentro da sociedade, Lao Tse vagueia além dela. Certamente a sociedade chinesa teria sido mais pobre se uma ou outra dessas direções não tivesse surgido.

Bibliografia

GAARDER, Jostein e outros. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LAO TSE. *Tao te ching: o livro do caminho e da virtude*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SMITH, Huston. *As religiões do mundo: nossas grandes tradições de sabedoria*. São Paulo: Cultrix, 1991.

WALDENFELS, Hans. *Léxico das religiões*. Petrópolis: Vozes, 1995.